

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 1 – As bem-aventuranças – O caráter do cristão

Mateus 5.1-12

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Estudar o Sermão do Monte é sempre experiência desafiadora. Lidar com os ensinamentos de Jesus para os que desejam ser seus discípulos é algo que não pode ser colocado em prática sem o auxílio do Espírito Santo.

Jesus descreve, no início do sermão, as qualidades que os que se diziam Seus discípulos deveriam ostentar. Com o passar dos tempos, ficaram conhecidas como as “bem-aventuranças”, em função da tradução que inicia as frases com a expressão “bem-aventurados”. Não é unanimidade esta tradução. Uma publicação recente, de David Stern, por exemplo, prefere dizer: “quão abençoados são”.

O problema é que o quadro descrito por Jesus é o ideal que todo crente deseja alcançar. Esse crente, que é descrito pelas qualidades, terá depois de se deparar com os termos do Sermão e vai concluir que sozinho não conseguirá êxito. Talvez por isso o renomado tradutor André Chouraqui tenha traduzido as bem-aventuranças com a expressão “**Em Marcha**”. Não chegou a esta conclusão sem muito estudo. Para ele, Jesus pronunciou a palavra hebraica “ashréi”, a mesma que vemos nos versículos iniciais dos Salmos 1 e 119. Deixo que o tradutor se explique: “ashréi” aparece 43 vezes na Bíblia Hebraica. Esta exclamação (no plural) tem como radical ashar, que não evoca uma vaga felicidade de essência hedonista, mas implica em retidão do homem que marcha na estrada sem obstáculos que leva a Deus. Todos os dicionários etimológicos do hebraico bíblico dão como primeiro sentido do

radical ashar o de marchar. Ser feliz é um sentido secundário e tardio. O sentido fundamental de ashar é “andar” (Pr. 4,14), conduzir por uma via reta (Pv 23,19). Ashréi pontua a dinâmica da salvação, introduzida na vida do homem em marcha em direção ao reino de Deus.”

É desta marcha que falaremos hoje. O **primeiro passo** é ser “**humilde de espírito**”. Não vemos aqui os tímidos, os fracos, os retraídos e nem aqueles que teimam em mostrar uma falsa humildade. Não. O Dr. Tasker diz que “os humildes de espírito não são os pobres de espírito, como pode sugerir uma infeliz tradução. Eles são, isto sim, os que reconhecem de coração ser “pobres” no sentido de não poderem realizar nenhum bem sem assistência divina e que não têm nenhum bem em si mesmos que os ajude a fazer o que Deus requer deles.”

O grande servo de Deus, John Stott, nos ajuda um pouco mais quando ensina que “ser humilde de espírito é reconhecer nossa pobreza espiritual diante de Deus, pois somos pecadores e nada merecemos além do juízo de Deus. Nada temos a oferecer, a reivindicar, nada com que comprar o favor dos céus. Esses e tão somente esses recebem o reino de Deus.” Este primeiro passo nos conduz a outro que, sem este, não poderá acontecer. O crente que se aproxima do Senhor com humildade, logo perceberá que chora. Sim, isto mesmo, Jesus mostrou que o **segundo passo** da marcha é **chorar**.

Esse choro, diz Martyn Lloyd-Jones, é espiritual e resultado de alguém ser humilde de espírito. Diz ele: “quando contemplo a Deus e a Sua santidade e, em seguida, contemplo a vida que se espera que eu viva, então é que realmente vejo a mim mesmo, o meu total desamparo e a minha desesperança. E isso me entristece. Lamento o fato de ser assim. Choro os meus pecados, meus atos maus.” O choro prepara o terreno para o **terceiro** passo da marcha, a **mansidão**. Não consegue ser manso aquele que não for humilde de coração ao ponto de chorar a sua incapacidade diante da perfeição de Deus.

O que é mansidão? Não se trata de característica natural, nem de indolência e nem de gentileza. Mansos são os que se humilham diante de Deus e reconhecem que dependem dEle para uma vida reta. Mansos são os que reconhecem o agir do Senhor e a ele se submetem. Um exemplo conhecido nosso não pode ser esquecido aqui. Lembra-se de Moisés? Leia Deuteronômio 32, 1-4 e confira como aquele homem que havia sido disciplinado pelo Senhor e não poderia entrar na Terra Prometida falou a respeito de Deus. Eis um pequeno trecho: “Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade e não há nele injustiça; justo e reto é.”

O **quarto** passo da marcha e que depende dos outros três é declarado a seguir: **ter fome e sede de justiça**. Para Lloyd-Jones, aqui temos a idéia central de todos os passos. É o corte entre os três primeiros que apontam para o relacionamento com Deus e os três seguintes que falam do relacionamento com o homem. O oitavo seria a consequência inevitável dos sete anteriores. O que estaria envolvido aqui? Stott nos ensina que, na Bíblia, a

justiça aparece pelo menos em três aspectos: a justiça legal, que é a justificação; um relacionamento certo com Deus. Há também a justiça moral, a de caráter e de conduta que agrada a Deus. Mas há uma terceira, a justiça social. Os cristãos, diz Stott, “estão empenhados em sentir fome de justiça em toda a comunidade humana para agradar a um Deus justo.”

Quem tem fome e sede de justiça procura evitar tudo quanto seja contrário ao império de Deus na vida. Tasker define: “São os que, por ansiarem por ver o triunfo final de Deus sobre o mal e o Seu reino plenamente estabelecido, anseiam também por fazer, eles próprios, o que é justo e reto.”

Para quem já deu os quatro passos, chega o seguinte que, por sua vez, é empolgante porque trata de um atributo do próprio Deus: **ser misericordioso**. Eis o **quinto** passo. É consequência da obra de Deus em nossa vida. Porque você já se tornou humilde diante de Deus, pode enxergar a necessidade do outro e ter desejo de aliviá-la. Lloyd-Jones não enxerga aqui o mero sentimento de compaixão, mas provoca uma ação para ajudar no alívio daquela necessidade. Um excelente exemplo aqui é o do bom samaritano, história que todos conhecemos bem.

A marcha continua. Chegamos ao **sexto** passo, a necessidade de sermos **limpos de coração**. No sentido bíblico, coração é o centro da personalidade. Quem são os limpos de coração? Lloyd-Jones entende que os limpos de coração são os que choraram a sua impureza, consoante vimos no passo 2. Ter o coração limpo é viver para a glória de Deus em todos os aspectos da vida, é ser autêntico, não admitir qualquer divisão do “eu”.

O **sétimo** passo da marcha do crente é transformar-se em um **pacificador**. Ser pacificador é ser pacífico mas ao mesmo tempo ser ativo na busca da paz. É o homem que deseja a paz. Está disposto a fazer tudo para que a paz seja uma realidade. O Dr. Tasker ensina que os pacificadores são os que estão em paz com Deus, que é o “autor da paz e apreciador da concórdia; são os que mostram ser verdadeiramente filhos de Deus, esforçando-se para aproveitar qualquer oportunidade que se lhes abra para efetuar a reconciliação entre aqueles que estão em desavença.”

O cumprimento da vontade de Deus explicitada nestes passos da marcha do crente, resulta em um **oitavo** passo, a

saber “**sofrer perseguição por causa da justiça.**” Pelo ensinamento de Jesus que estamos nos propondo a estudar, é inevitável que os que se encontram na marcha encontrarão perseguição. Estão na chamada contracultura cristã. Não agradecerão, porque provocam mudança nos hábitos enraizados daqueles que não guardam comprometimento com Jesus.

Fiquemos com estas informações por hoje. Tente identificar, ao longo da semana, características da sua personalidade que se identificam com o modelo de discípulo que Jesus nos deixou, a partir do Sermão do Monte. Que a beleza de Cristo se veja em nós, é a oração que agora fazemos.

Apoio bibliográfico:

- CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus – Comentário Sociopolítico e Religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus. 2002
CHOURAQUI, André. Matyah – O Evangelho Segundo São Mateus. Rio de Janeiro: IMAGO. 1996
DAVIDSON, F. editor. O Novo Comentário da Bíblia – vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1987.
LLOYD-JONES, Martyn. Estudos no Sermão do Monte. São José dos Campos: Fiel. 1999
STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Belo Horizonte: Atos. 2008
STERN, David. O Novo Testamento Judaico. São Paulo: Vida. 2007
STOTT, John R.W. A Mensagem do Sermão do Monte. São Paulo:ABU-Editora. 1993
TASKER, R.V.G. Mateus. Introdução e Comentário. São Paulo: Mundo Cristão. 1988